



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

CURSO SUPERIOR EM ESPOSENDE

1.2. - Porquê um Curso Superior em Esposende?

1.2.1. - O que é um Curso Superior e a que se destina?

Antes de se criar um *Curso Superior*, numa terra ou *Região*, deve, primeiro, tomar-se consciência do que é o *Ensino Superior* e quem são os seus destinatários.

O Ensino Superior tem vários graus, sendo os mais generalizados o *Bacharelato* e a *Licenciatura*.

Aquele destina-se, fundamentalmente, à formação de *Quadros Técnicos Intermédios*, com funções mais de execução, mais orientados para o *fazer*.

Este, é destinado à formação de *Quadros Superiores*, mais dirigidos para a *Concepção e Investigação*.

Ambos os graus formam, também, *professores* para os diversos graus de ensino.

1.2.2. - Condições para a viabilidade de Cursos Superiores e porquê a arquitectura?

Terá Esposende condições mínimas para a existência de *Curso(s) Superior(es)*? - Qual a *população* real do concelho? Qual a *população estudantil* destinada ao *Ensino Superior*? Até aqui, apesar - de uma certa democratização do ensino, o acesso ao *Superior* tem estado limitado a uma dada elite económica e intelectual. Apesar - de haver personalidades de uma certa estirpe superior (intelectual e moral), como o meu amigo *Prof. Doutor Fernando Santos Neves, Reitor da Universidade Lusófona* - que defendem que, tal como se fez no passado em relação ao básico e secundário, se deve proceder, actualmente, à *Alfabetização do Ensino Superior*. Vão, assim, de encontro à filosofia já existente nos países nórdicos, no sentido de não haver nenhum agricultor ou, pelo menos, nenhum empresário agrícola ou outro, sem um *Curso Superior*. É que a falta dessa formação a este nível, é que marca a diferença entre os desenvolvimentos daqueles países e do nosso.

A criação de um *polo universitário* em Esposende, só com forte apoio do município, e até do Estado, se poderá concretizar e, assim, atingir toda a população estudantil, vocacionada para tal e contribuir para a *alfabetização* do Ensino Superior do concelho.

Estará o Município disposto a financiar fortemente o *Ensino Superior*, tornando o nosso concelho o primeiro do país a ser alfabetizado a este nível? É que, certamente, nem a Universidade Lusófona - julga-se a mais vocacionada para tal, pois foi ao seu reitor a quem primeiro ouvi falar da referida alfabetização

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

MANUEL DA SILVA

Ainda no último número deste jornal, alertávamos as pessoas para o facto de terem existido fangueiros com certa notoriedade que no entanto não foram nem serão aqui invocados, apenas porque deles nada sabemos. Um acaso ou uma sorte fortuita podem trazê-los para as luzes da ribolta. Foi o que aconteceu com o último perfil que o nosso amigo Zé Felgueiras encontrou quando percorria velhos manuscritos ligados ao nosso concelho ou à arte de navegar.

Agora outro vulto fangueiro nos apareceu ao caminho trazido pela mão do nosso prezado colaborador Carlos Mariz, via dr. João Goulart de Bettencourt. E quem é este dr. João Goulart? É um filho do nosso saudoso amigo dr. Bettencourt, que era casado com uma das senhoras Teixeiras, D. Dulce, se não estamos em erro. Pois este dr. Bettencourt (filho) que mora no Estoril e que é um investigador no perímetro da sua árvore genealógica (pelo menos) descobriu nos arquivos da Universidade de Coimbra o nome do escolar Manuel Silva, natural de Fão e que foi filho de Manuel Silva e de Ângela Francisca. Coursou a Faculdade de Cânones entre 1-10-1713 e 1-10-1718, obtendo o grau de bacharel em 22-6-1718 e a formatura em 6-6-1719. Era irmão dum seu avô (6.º avô - Francisco da Silva Sampaio).

O que se concluiu ou pode concluir-se daqui? Que a família das "Senhoras Teixeiras" é uma família muito antiga de Fão. E também uma família ilustre. Basta atender ao número de licenciados que a emolduram. Além do General Médico dr. Eduardo de Jesus Teixeira, já aqui evocado, e do nosso perfil de hoje, temos ainda o Coronel Médico Manuel Joaquim Teixeira, neto de João da Graça Teixeira, licenciado em Direito e Cânones, também pela Universidade de Coimbra. Dado que tirar um curso na Universidade exigia uma grande capacidade económica, podemos concluir daqui que a Família Teixeira era também uma família próspera.

Supomos que Manuel da Silva era clérigo e isto porque foi licenciado em Cânones ou direito canónico. Mas este curso (Cânones) não era exclusivo de clérigos, motivo por que empregamos o verbo supomos. Por sua vez, o dr. Bettencourt também não tem certezas neste assunto.

Além do seu grau académico, não dispomos de outros informes; mas ser licenciado em Fão, em pleno século XVIII, era por si mesmo um factor de notoriedade e destaque social, motivo por que hoje aqui o evocamos.

A IGREJA MATRIZ DE FÃO

Alguns Documentos Régios - 1587 • 1639 • 1662

Ao longo dos anos temos vindo a estudar vária documentação, depositada em diferentes Arquivos, desde o Municipal à Torre do Tombo, que nos permita, pouco a pouco, construir a História do nosso concelho.

Fão tem sido, para nós, uma terra à qual dedicamos uma insistente atenção.

Sendo um burgo antigo e rico, fácil é compreender que os seus pergaminhos devam ser ricos, à sua imagem. Acontece que a sua descrição histórica andou sempre à volta dos mesmos textos e relatos, por vezes, talvez muitas vezes, fantasiados e, salvo raras excepções, pouca documentação inédita, se tem trazido a público (1). É claro que o trabalho de heurística ou seja o de descobrir os documentos que foram produzidos, não é tarefa fácil. A sua dispersão pelos vários cartórios ou arquivos, as ocorrências de dependência por que passou Fão ao longo dos séculos, encobre muitas das fontes por onde poderíamos, ou deveríamos, entrar. Também a fase da hermenêutica é importante pois de que servirá um documento se não for interpretado e estudado?

São sobre estas e outras questões que insistentemente reflectimos. No entanto vislumbra-se uma nova fase para o estudo da história concelhia, mormente da Vila de Fão. Vários são as pessoas, com formação académica ou não, que vão trazendo à luz documentos importantíssimos que vão construindo o "corpus" da nossa identidade histórica.

Espero, sem falsa modéstia, poder contribuir para isso.

...

Os moradores de Fão, então lugar pertencente ao termo da Vila de Barcelos, fizeram um pedido a Sua Majestade, no sentido deste lhes conceder uma imposição, cujo teor constava no

(Continua na pág. 3)

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

Plano de Actividades e Orçamento para 1996

A Assembleia Municipal de Esposende aprovou, com votos favoráveis do PSD e do PS e abstenção do CDS-PP, o Plano de Actividades e Orçamento para o ano de 1996, documento donde ressalta a aposta do Município na continuação da construção de infra-estruturas básicas, em particular no saneamento básico.

O Plano prevê um conjunto de obras, quer de abastecimento de água, quer de saneamento que permitirão a elevação do nível de atendimento de 50 para 75 por cento nos utilizadores domésticos e de 32 para 90 por cento nos pequenos produtores industriais que se localizarem no perímetro urbano.

No entender do Executivo Municipal, este grande projecto só é possível a um município como Esposende - com uma nítida escassez de receitas próprias - graças a um conjunto de candidaturas feitas ao Fundo de Coesão e ao Programa Operacional do Ambiente.

O recurso aos Fundos Comunitários e a programas estatais permitiu assumir um conjunto de compromissos que à partida viabilizarão a continuidade de uma política visando a cobertura total do concelho em termos de infra-estruturas básicas.

Como obras mais relevantes realçam-se:

- Continuação do projecto já iniciado do abastecimento de água à Freguesia de Gemeses e extensão da rede de Palmeira de Faro.

- Abastecimento de água ao resto do concelho, contemplando a construção de adutoras e redes de abastecimento de água à Freguesia de Mar, Belinho, Marinhas, Forjães (1.ª fase), e Antas (Guilheta).

- Saneamento a norte do concelho contemplando as construções de redes de Drenagem de Águas Residuais das Freguesias de Marinhas, Mar, belinho, Forjães (1.ª fase), e Antas (Guilheta).

- Início da construção das estações de Tratamento previstas no Plano Director de Saneamento: ETAR de Marinhas; ETAR de Antas; ampliação da ETAR de Esposende e Estação de Tratamento de Lamas recolhidas nas ETARs.

- Estrada Real em Marinhas.
- Centro de Saúde de Forjães.
- Zona Industrial.

Editorial

(Continuado da pág. 1)

- nem qualquer outra estarão dispostas a investir em tal, se não obtiver um forte apoio do município e, até, do Governo e mesmo do F. S. E.. Oxalá o nosso município consiga os referidos apoios e, nele, a implementação da alfabetização do Ensino Superior seja uma realidade, através de uma diversidade de cursos superiores, que não apenas de *arquitectura*, de acordo com as vocações dos seus potenciais candidatos. *Vocações* essas que deverão ser comprovadas através de testes psicológicos, psicossociológicos e psicopedagógicos de orientação vocacional, nada votado a fazer da sua profissão um sacerdócio, se faça médico, sem qualquer vocação para tal; uma menina, nada carinhosa e com falta de paciência para se dar aos outros, tire o curso de enfermeira; e siga a carreira de professor uma pessoa sem apetência para tal, sem quaisquer qualidades pedagógicas e sem paciência para lidar com crianças ou jovens.

2. - Conclusão

Oxalá o Município de Esposende consiga, depois de inferir após aturados estudos, que o concelho tem condições para nele se criar um *Polo Universitário* ou mesmo *Politécnico*, ser o primeiro a *Alfabetizar* o Ensino Superior. Faça ainda a grande revolução deste, que ninguém teve ainda a coragem de o fazer, acabando de vez com as *Provas Específicas* e de *Aferição* e substituindo-as por *Testes de Orientação Escolar e Profissional*. E, assim, aqueles que mais vocação demonstrassem para a frequência de determinado Curso seriam os que teriam preferência na sua admissão, e não aqueles que obtivessem melhores classificações escolares. Deste modo, se evitaríamos inúmeras frustrações, tanto nestes, porque tiveram possibilidades de escolher *cursos errados*, como naqueles, porque não puderam optar pelas *áreas* para que estariam mais vocacionados.

JOAQUIM VASSALO

PS: - *Erratas contidas no Editorial do semanário n.º 139, de 96/12/10:*

a) Na pág. 1, parágrafo 4.º, linha 7, onde se lê: "- o antigo edifício" - deve ler-se: "- como o antigo edifício" -.

b) Na pág. 2, colu. 2, parágrafo 1.º, linha 8, onde se lê: "do o COLÉGIO MILITAR" deve ler-se: "do COLÉGIO MILITAR".

c) Na mesma página e col. 2, parágrafo 4.º, linha 2, onde se lê:

"*inclinando-a* com a *ARQUITECTURA*", deve ler-se: "*iniciando-a* com o curso de *ARQUITECTURA*".

CARTA DE LISBOA

3. - BOAS FESTAS

Esta carta vai atrasada, pois deveria ir logo a seguir às férias grandes, como seria lógico, após o anúncio da criação de um *Curso Superior* em Esposende e a nossa visita ao empreendimento da *Barraca* (A 1.ª grafia que saiu no computador: talvez a escrita fugisse para a verdade), digo, da *Barca do Lago*. Porém, os nossos afazeres e, sobretudo, o facto de, após esta carta estar quase completa e com temas mais variados (que já perderam oportunidade), o computador ter avariado e, conseqüentemente, o trabalho se ter perdido.

Vai agora perto do Natal e do Ano Novo, o que nos proporciona a ocasião para formular vários votos. Em primeiro lugar que sejam concretizadas as sugestões por nós aqui formuladas, tais como: as homenagens ao *P.e Sá Pereira*, (espera-se que as gentes de Fão dêm uma "forcinha" para tal); ao *Prof. Álvaro Carvalhal*, que no concelho *Alfabetizou* o Ensino Secundário (para usar a expressão do citado reitor da Universidade *Lusófona*, *Prof. Doutor Santos Neves*), no que foi secundado pelo Dr. Agostinho Reis, a quem já foram prestadas justas homenagens, mas àquele Esposende também está, ainda, em dívida; e, ainda, outros não aqui invocados, mas que o foram noutros periódicos, como os grande musicólogos *Pes Alaio*, *Brás e Borda*, de renome não apenas *local*, mas também *regional e nacional*, se não mesmo *internacional*; e outros. Escritores, poetas, artistas, professores catedráticos, outros Presidentes da Câmara, anteriores e posteriores ao P. Sá Pereira, que deixaram obra palpável, e entre estes cumpre-me destacar o *Sr. Dr. Alexandre Sobral Torres* que conheci muito bem e que era sempre afável para toda a gente, mesmo para com aqueles que não pertenciam ao seu estrato social, como eu.

Finalmente, auguramos muito *Boas Festas de Natal* e um *Feliz Ano Novo* a todos os habitantes do concelho de Esposende, especialmente aos *Fãozenses* e muito particularmente aos *leitores do Novo Fangeiro* e à sua *Direcção, Administração e Redacção*.

Lisboa, 95/11/29



A IGREJA MATRIZ DE FÃO

(Continuado da pág. 1)

documento enviado, para que eles moradores, pudessem fazer a obra da sua Igreja Paroquial. Ouvido o Provedor da Vila de Viana Foz do Lima (hoje Castelo), o Monarca não teve dúvidas em assinar o Alvará Régio a favor dos moradores de Fão (2).

"Eu El Rei faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito ao que dizem os moradores do lugar de Fão, termo da Vila de Barcelos e vista a informação que acerca disso me enviou o Provedor da Comarca da Vila de Viana Foz do Lima, hei por bem e me apraz de lhes conceder a imposição de que na dita petição fazem menção para as obras da Igreja do dito lugar e isto por tempo de dez anos mais além das outras porque lhe concedi e na própria forma e maneira que se contém na provisão que delas lhe foi passada e se tanto durarem as obras da dita Igreja e mando ao dito Provedor e mais Justiças a que conhecimento disto pertencer que lhe cumpram e façam cumprir este Alvará como se nele contém o qual me apraz etc. João da Costa o fez escrever em Lisboa a 10 de Novembro de 1587" (3)

É curioso notar que até agora conheciam-se poucos dados sobre a construção desta Igreja Matriz mas sempre julgamos que a sua construção era anterior a 1600. Já em trabalhos anteriores nos referimos a uma Bula Papal quinhentista que se referia a este monumento fangueiro (4).

Meio século mais tarde, já os moradores de Fão viviam sérios problemas com a sua Igreja. Pelos documentos que agora apresentamos verifica-se que já em 1630 este monumento parecia ruir devido ao avanço das areias. Curiosamente estudamos, e já publicamos, um estudo sobre a grande invasão de areias sobre a Vila de Fão que ocorreu em finais do século XVIII. Para fazer face a esta catástrofe foi aprovado um Código de Posturas específico, bem como o lançamento de um imposto destinado a cobrir as despesas com o desassoreamento de Fão. Até à data era o único documento que conhecíamos, para Fão, sobre esta temática. Em Fevereiro último, o nosso prezado Amigo e Investigador Monteiro dos Santos (5) escrevia (6) que no Arquivo de Vila do Conde (7) se encontrava um documento sumário sobre o assoreamento de Fão, datado de 1682. Trata-se de uma carta que o Ouvidor da Comarca de Barcelos, Francisco de Barros, mandou a Sua Alteza, despedindo-se da sua superintendência da obra de Fão. Curiosamente, através desse documento ficamos a saber que os povos, talvez das povoações vizinhas, não gostavam de colaborar na minimização da catástrofe fangueira. nele se diz que "... se recusavam constantemente a ir trabalhar no desassoreamento das areias do lugar de Fão". No mesmo apontamento, Monteiro dos Santos, lançava um repto no sentido de alguém, se viesse a interessar por este assunto e, naturalmente, investigar outra documentação sobre o tema. Por informação de José Felgueiras, que nos relançou o repto, procuramos nos Arquivos de Vila Viçosa. A pesquisa foi infrutífera e nada constava sobre a invasão das areias em Fão nos anos próximos de 1682.

Mas, tal como nos ensinaram nos bancos da escola, a História faz-se com paciência e persistência.

Final Fão não viveu somente o assoreamento de 1800, tão pouco, o de 1682.

Em 1639, D. Filipe III assina um Alvará Régio no qual prorrogava a imposição de "dois ceitis em cada quartilho de vinho" destinados à fábrica da Igreja Matriz e reparo das areias "que cresciam de maneira que "intopiam" se se lhe não acudisse".

Os moradores de Fão alegavam ainda que não tinham rendimentos para custear as obras. Por sua vez o Provedor de Viana, habitual conselheiro do Rei, informou-o de que "recebeu o dito lugar grande dano com as ditas (areias)...". Aliás no Alvará constata-se, ainda, que as casas vizinhas da Igreja Matriz estavam tomadas pelas areias (8).

"Eu El Rei faço saber que havendo respeito e me enviarem dizer por sua petição atrás escrita os moradores do lugar de Fão, termo da Vila de Barcelos sobre a prorrogação da imposição de dois ceitis em cada quartilho de vinho que nele se vender atavernado para a fábrica da Igreja Matriz e reparo das areias que cresciam de maneira que intopiam se se lhe não acudisse como fazlam com o cuidado que convinha o que se não podia reparar sem a dita imposição por não ter o dito lugar Renda para isso e porque os últimos cinco anos por que lhe tinha concedido acabado e vistas as causas da dita petição relatadas e o que sobre isso me consta pela informação que mandei tirar pelo Provedor da Comarca de Viana Foz do Lima e seu parecer, hei por bem e me apraz de lhe prorrogar por cinco anos mais a dita imposição de dois ceitis e cada quartilho de vinho que se vender no dito lugar e seu termo para do procedido dela se gastar na fábrica da Igreja Matriz dele e reparo das areias de que tratam visto outro sim constar pela dita informação receber o dito lugar grande dano com as ditas e ser muito necessário acudir-se-lhe para de todo se não intopir a dita Igreja como o já estavam algumas casas junto a ela pelo que mando ao dito Provedor que tome conta do dinheiro da dita imposição e saberá se se gasta no dito efeito para que o concedi e não consintirá que o gaste em outra alguma coisa sem licença minha e esta provisão como nela se contém posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo da ordenação em contrário a qual se registrará no livro da Comarca e a própria se porá no cartório dela para se saber a todo o tempo como assim o houve por bem e por quanto pagarão 7500 reis de minha anata (9) ao tesoureiro delas João Pais de Matos como se viu por certidão do escrivão de sua receita de como nele lhe ficam carregados a filhas 141 do Livro 5.º de seus rendimentos. João Nunes de Cerqueira a fez em Lisboa em 26 de Agosto de 1639. Gaspar da Costa de Mariz a fez escrever".

...

Chegamos a 1662.

Fão estava praticamente desassoreado mas ainda havia muito a fazer. As reparações do Rego (10) e o restauro da Igreja, exigia mais um esforço dos moradores de Fão e o lançamento de mais um imposto. Assim, em 4 de Junho de 1662, D. Afonso VI, assina um novo Alvará Régio para Fão, autorizando, por mais cinco anos, uma imposição de dois ceitis no vinho consumido (11).

"Os moradores do lugar de Fão,

Eu o Príncipe faço saber que os moradores do Lugar de Fão me enviaram dizer por sua petição que eu lhe concedera Alvará para lançarem a imposição dos dois ceitis em cada quartilho de vinho que se vendesse atavernado naquele lugar para com o seu procedido se acudir às obras do Rego e reparo da Igreja e se lhe prorrogou por tempo de cinco anos e porque eram acabados e as necessidades ainda duram, Me pediam que prorrogasse por mais tempo a dita imposição e visto o que alegam e informação que se ouve pelo Provedor da Comarca de Viana Foz do Lima e seu parecer, hei por bem e me apraz que eles possam usar desta imposição por tempo de outros cinco anos debaixo das cláusulas e condições declaradas no primeiro Alvará por que concedi a dita imposição de que tomará contas o Provedor da Comarca ao qual mando e as mais Justiças oficiais e pessoas a que o conhecimento deve pertencer lhe cumpram e guardem este Alvará inteiramente como nele contém e valerá posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo da ordenação do Livro 2.º, título 40 em contrário e pagarão o novo direito se o deverem na forma das minhas ordens - António Marques o fez em Lisboa a 4 de Junho de 1662. António Rodrigues de Figueiredo o fez escrever".

NOTAS:

(1) - Seríamos injustos se não salvaguardássemos os estudos que têm sido realizados por Alberto Antunes de Abreu, Carlos Mariz, Óscar Fangueiro e Albino Campos, entre outros, no domínio da investigação documental, e Brochado de Almeida e Eugénia Cunha, no âmbito da Arqueologia.

(2) - Sousa Viterbo - Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses, Vol. III.

(3) - Torre do Tombo - Chancelaria de D. Filipe III, Livro 18, Fl. 35.

(4) - Bula "Hodie Emanarunt" de Gregório XIII, datada de 23 de Maio de 1581.

(5) - Técnico no Arquivo Municipal de Vila do Conde e colaborador na imprensa do concelho de Esposende.

(6) - A. Monteiro dos Santos - Notas Históricas, in "Farol de Esposende" de 9 de Fevereiro de 1995.

(7) - Arquivo de Vila do Conde, Livro de Registo Geral, 126, Fl. 235 e 236.

(8) - Torre do Tombo - Chancelaria de D. Filipe III, Privilégios, Livro 4, Fl. 154v.

(9) - Anata - Taxa paga à Autoridade eclesiástica pelo que recebiam um benefício, e que era calculada pelo rendimento de um ano desse benefício. (Moreno, Augusto - Dicionário).

(10) - Supomos tratar-se do antigo rêgo da Cruz (Pedreiras) (?)

(11) - Torre do Tombo - Chancelaria de D. Afonso VI, Doações, Livro 36, Fl. 205v.

Por: Manuel Albino Penteado Nelva

CURSO DE INICIAÇÃO AO JORNALISMO

Inscrições: 15 a 19 de Janeiro de 1996

Na sede do IPIR - das 15 às 17 h. ou na Biblioteca Municipal - das 9.30 às 12 h. e das 14 às 18.30 h.

TOTAL DE HORAS DO CURSO - 100

Funcionamento: de 27/Jan. a 27/Abr. de 1996
Aos sábados, das 9 às 13 h. e das 14.30 às 18.30 h.

Promotor:

IPIR - Instituto Português da Imprensa Regional

Apoio:

GAI - Gabinete de Apoio à Imprensa

Secretaria de Estado da Comunicação Social

Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos enviarem cumprimentos de Boas-Festas, que agradecemos e retribuimos, os senhores:

Presidente da Câmara Municipal de Esposende; José Feliciano Duarte - Barcelos; Conselho Directivo da Escola Secundária Henrique Medina - Esposende; Hotel Sopedet - Póvoa de Varzim; Dr.ª Adelaide de Almeida Ribeiro - Figueira da Foz; Dr. José Pires Lopes de Azevedo - Figueira da Foz; Santa Casa da Misericórdia de Fão; Santa Casa da Misericórdia de Esposende; Amândio Caramalho - Rio de Janeiro; Ourivesaria Paz - Porto; Hotel Nélia - Esposende; João Barros - Porto; Ruy Belleza - Cucujães; Rotary Club da Póvoa de Varzim; Direcção da Associação dos Antigos estudantes de Coimbra no Porto; Le Credit Lyonnais - Porto; Círculo de Dança - Porto; O Vereador de Cultura da Câmara Municipal de Esposende; José Morais Casanova - Braga; Estalagem Zende - Esposende; Club Náutico de Fão; Viauto - Esposende; Cooperativa Cultural de Fão; Rádio Esposende; Maria Eduarda Graça de Oliveira Viana - Fão; António Gomes Viana - Fão; Maria Helena Marchesini - S. Paulo - Brasil; Casa do Minho - Lisboa; União de Bancos Portugueses; Pedro Viana - Guimarães; Associação Comercial e Industrial de Esposende; Administração da Radiotelevisão Portuguesa - Eng. José Gonçalo Ferreira de Areia; Dr.ª Maria da Conceição Campos - Guimarães; Carlos Mariz - Fão; António Miquelino - Lisboa; Direcção Regional de Agricultura Entre-Douro e Minho.

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

IPIR - DOIS OBJECTIVOS ALCANÇADOS

No final do ano, a Direcção do Instituto Português de Imprensa Regional (IPIR), com sede em Barcelos, alcançou dois importantes objectivos previstos no seu mandato: aquisição de casa própria e organização de curso de formação de iniciação ao jornalismo.

Quanto ao primeiro caso, o facto concluiu-se com a escritura pública celebrada em 28 de Dezembro último; o curso de iniciação ao jornalismo, já se encontra em organização, prevenendo-se o seu início em 27 de Janeiro corrente coincidente com o aniversário da fundação do Instituto, Direcção a que preside o conhecido poeta e jornalista Dr. João Vale Ferreira, e do arranque dos objectivos traçados para o mandato.

A Consoada de Natal, que se afirma tradicional entre os membros da Direcção, reuniu alguns amigos do IPIR (Joaquim Brito, Manuel Barbosa, Domingos Pinto, Ilídio de Moraes e família), contou com a presença do jornalista prof. Artur Gomes de Sousa.

NO MUSEU MUNICIPAL

"ADORAR O DEUS MENINO" EM EXPOSIÇÃO

Entre 20 de Dezembro e 31 de Janeiro estará exposta, na Sala dos Azulejos do Museu Municipal, uma exposição de imagens do Menino Jesus, sob o tema: "Adorar o Deus Menino".

Cerca de 30 imagens que, embora por localizar no tempo ou na data do seu fabrico, constitui a memória do seu uso nos mais variados actos religiosos e, também, como património de entidades privadas e públicas, de imagens do Deus Menino.

A maioria das peças são de madeira, de terracota, marfim e porcelana e, ainda os trabalhos de Belemino, neste tema; a porcelana, a representar o quadro da natividade, oferecida pelo Pintor Henrique Medina, as imagens repintadas utilizadas nas procissões quando integram quadros a representar a Sagrada Família, o Santo António ou as Santas com devoção do Menino Deus. De realçar, a custódia miniatura barroca, as imagens com vestuário, incluindo uma com peanha de barro de Barcelos, outra com roupas datadas do século XIX.

A exposição, é uma organização do Museu Municipal, com o apoio de Mons. Baptista de Sousa, Museu de Arte Sacra de Esposende, Maria Angelina Mota Real Moraes, de Fão, entre as entidades particulares do concelho.

Pelo seu interesse pedagógico e pela devoção que a nossa gente mantém ao Menino Jesus, pela originalidade e pela história, merece uma visita.

CENTRO SOCIAL DA JUVENTUDE DE MAR: 20 ANOS DE FUNDAÇÃO E ACTIVIDADE

Terminaram as celebrações dos 20 anos de fundação e de actividade do Centro Social da Juventude de Mar, com o lançamento da obra sobre "O Forte de S. João Baptista e o Farol de Esposende" da autoria do Dr. Bernardino Amândio.

O Centro Social, fundado em 2 de Junho de 1975 é pessoa colectiva de interesse público administrativa, conforme o Decreto-Lei 9/85, tem um passado repleto de actividades, com incidência na solidariedade social, de educação, presta assistência a mais de uma centena de crianças, cultiva o desporto e, ao longo destes vinte anos, tem desenvolvido acções de âmbito cultural. Ao patrocinar a edição do livro sobre história militar de Esposende, atinge o terceiro volume de temas regionais. Das obras anteriores: "Romaria de S. Bartolomeu do Mar e o Banho Santo" do Padre Professor Doutor Franquellm Neiva Soares e, "O Diabo à Solta" pelo Padre Carlindo Vieira, alcançaram bastante êxito o que valoriza a acção cultural do Centro.

LANÇAMENTO DO LIVRO "O FORTE DE S. JOÃO BAPTISTA E O FAROL DE ESPOSENDE"

No dia 23 de Dezembro, na sede do Centro Social da Juventude de Mar, em cerimónia bastante concorrida, é lançado o livro "O Forte de S. João Baptista e o Farol de Esposende", após aturadas buscas e o aparecimento de outros documentos que vêm melhorar a obra anterior, com o mesmo título, datada de 1982.

Fernando Abreu Cepa, o presidente da Direcção da entidade patrocinadora, na abertura da cerimónia, justifica o lançamento da obra: o 20.º aniversário da fundação do Centro Social e "o pioneirismo na educação de adultos, na formação sócio-profissional, no associativismo juvenil e com o intercâmbio nacional e internacional", como objectivos fundamentais e de actividade. Coube ao Dr. Bernardino Amândio, disse ainda, "reconhecido pedagogo e investigador", a cedência da obra que o Centro Social classifica a sua "Data de afirmação e maioridade".

O Dr. Rui Faria Viana, Director da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, apresentou a obra e o seu autor, descrevendo o seu percurso literário, em bom estilo, além de elogiar "tão distinto historiador, pedagogo e jornalista".

Sobre a obra lançada, o Dr. Rui Viana deu conta das inovações introduzidas e referiu os quatro capítulos: Forte de S. João Baptista - Motivo e data da sua construção; qual o projecto do Forte e Planta da Costa de Viana até Esposende; Governadores do Forte e, dos Fachos da Borda-mar até ao farol luminoso e sonoro, fazendo a síntese dos factos relatados e de novos motivos que esclareceram os temas de fundo.

Por fim, o Dr. Bernardino Amândio agradeceu a presença do vasto auditório e, bem assim, ao Centro Social da Juventude de Mar, pela oportunidade da publicação da obra que divulga alguns factos do passado militar de Esposende. De seguida, procedeu-se à oferta de exemplares autobiografados.

MAREZIA SURPREENDE ROMÂNTICOS DO CÁVADO

No dia de Natal, cerca de 15 viaturas que estacionaram durante a tarde, na margem direita do rio Cávado, a antiga Junqueira, tiveram de ser rebocados para terra firme.

É frequente, tal situação. A população de Esposende já se habituou e os socorros estão atentos a tais aflições. É que os pares românticos, extasiavam-se na borda d'água dentro dos carros, entram em paranóia, esquecendo o tempo que passa com a maré a subir e, de repente por efeito de soneca bem apetecida depois dos esforços suplementares da tarde ou, de louco entusiasmo que o local proporciona, vêm-se envolvidos pela água do rio incapacitando a viatura de sair pelos seus próprios meios.

Tais circunstâncias implicam a denúncia dos actos praticados a bom recato, mas à vista das águas do rio que não se cansam de subir e descer enquanto o romance vai passando a sabor destas marés vivas e traiçoeiras.

Já noite fechada, os pares tiritando de frio, viam desconsolados os seus carros serem levados pelos reboques, a caminho da oficina de reparação.

MAU TEMPO AFECTA ÉPOCA DA LAMPREIA

Iniciou-se a época da captura à lampreia no rio Cávado e que se prolonga até Maio próximo.

A lampreia constitui um atractivo na época baixa do turismo, sendo grande a sua procura. Contudo, as marés vivas e a maresia devido às más condições do tempo, está a causar sérios embaraços à captura e, bem assim, à montagem da estacada junto à ponte.

Sabendo-se que a lampreia entra com facilidade no Cávado, para a desova, as condições protegem a espécie, mas dificulta a captura.

É vulgar nos últimos dias do ano a captura do primeiro exemplar. Porém, conforme referimos, as condições não facilitam a faina. Por isso, recordamos, na época anterior, a primeira lampreia foi apanhada pelo Chano, em Esposende; em Fão, pelo Sérgio do Fôjo.

RECITAL DE CÂNTICOS DE NATAL, NA MATRIZ

A exemplo do ano anterior, realizou-se em 29 de Dezembro findo, à noite, o recital de Canto e Poesia sobre a temática do Natal, que encheu por completo a Igreja Matriz de Esposende.

Participou no recital, o Grupo Coral de Esposende, grupo de Pequenos Cantores da Escola de Música e o Grupo Polifónico Masculino de Antas (Esposende).

Na primeira parte, actuou o Grupo Coral, com obras de autores clássicos dos séculos XVIII e XIX; seguiu-se o Grupo da Escola de Música, igualmente, exibindo obras de autores clássicos e de regiões tradicionais e, a finalizar, o polifónico Masculino de Antas.

Os conjuntos, pela actuação, mereceram fartos aplausos do numeroso auditório.

Os poemas de Natal, de autores portugueses, foram declamados pelo Dr. Agostinho Teixeira e no órgão, o jovem Diogo Vilarinho Zão. O Prof. António Capitão Ribeiro dirigiu os grupos participantes.

PLANO E ORÇAMENTO APROVADOS EM ASSEMBLEIA MUNICIPAL - OBRAS NA BARRA DO CÁVADO

A fim de apreciar e votar a proposta de Plano e Orçamento de 1996, entre outros documentos de interesse para o concelho, em 26 de Dezembro reuniu a Assembleia Municipal, com a presença de 28 deputados. As obras da barra do Cávado, de jurisdição do Ministério do Ambiente, veio a ser referido e na esperança de que será um facto.

Embora a ordem de trabalhos fosse bastante carregada, a votação acabou por ser rápida, com todas as propostas aprovada por maioria.

Depois da informação escrita do Presidente da Câmara, houve algumas intervenções, destacando-se a acção no Tribunal Judicial de Esposende, por suposta ocupação de terreno privado para alargamento da Estrada Real, em Marinhas. Neste caso, o presidente da Câmara classificou o acto de "questão política"... E, sobre esta matéria, o Presidente da Junta de Freguesia de Marinhas manifestou solidariedade com a Câmara Municipal e o seu presidente, por considerar a obra de muito interesse para o desenvolvimento da sua freguesia.

Alberto Figueiredo informou de algumas propostas para 1996: demolição da casa da Guarda Fiscal, em Ofir para melhorias, entre elas, os acessos e urbanização do local; do estudo concluído para obras na barra do Cávado e da escolha de segunda versão conforme discussão pública com os pescadores, realizada em 26 de Julho de 1995. Esclareceu que a obra em fase de aprovação, tem orçamento estimado em 1,5 milhões de contos; também, dos cortes orçamentais de obras previstas, mas por adjudicar e por iniciar, futura privatização da limpeza e recolha dos lixos; da captação e distribuição de água.

Sobre a proposta de Plano e Orçamento da Câmara Municipal e dos Serviços Municipalizados e da taxa de 1,3 para cálculo da contribuição autárquica em 1996 e, bem assim, planos de pormenor da zona norte (Av. dos Banhos) e os Regulamentos de compensação de loteamento em áreas urbanizadas e de Edificações urbanas, foram aprovados por maioria.

O presidente da Junta da Freguesia de Forjães e de Vila Chã, levantaram algumas dúvidas sobre a distribuição de verbas e de obras nas respectivas freguesias que o presidente da Câmara Municipal esclareceu. Por outro lado, informaria que as Juntas de Freguesia vão receber 92 mil contos, a retirar da dotação da Câmara Municipal.

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então, que tal as festas? Correu tudo bem? Oxalá que sim! Neste primeiro mês de 1996, os nossos votos bem sinceros para todos vós, são de que o novo ano seja um ano de saúde, alegria, sucessos escolares e paz.

RUIDOS NA COMUNICAÇÃO

Por JOSÉ JOÃO SANTOS

CONCLUSÃO

Agora, vamos direitos para o «mar das tormentas». Desde já quero esclarecer aqueles que estão a lêr estas palavras, que o melhor a fazer será prepararem os coletes de salvação, caso contrário podem «afogar-se».

Pois é, como já devem ter reparado vou falar da televisão. Entre «portas», o estado desta caixinha conhece dias difíceis, onde a concorrência desenfreada leva a aberrantes criações (ou recreações) a todos os níveis.

Elas são as novelas, elas são programas horrorosos que apelam ao sentimento das pessoas, elas são o exagero de transmissões de futebol, ou a perseguição dos telejornais em busca de autênticas carnificinas. Por isso, não admira que alguns tenham tido indigestões às horas do jantar...

Engraçado é igualmente ver a triste figura de algumas personagens televisivas que devem ter caído dos céus longínquos do fim do mundo, lugar que deve desprezar tudo que tenha a ver com radiodifusão minimamente aceitável. Mas, o pior é que com brincadeira de mau gosto como estas, muitas famílias por este país travam diálogos de surdos tornando-se em vegetarianos televisivos.

A terminar faço um apelo aos canais Estatal, do Balsemão e da Igreja: tentem modificar isto para ganharem a confiança das novas maiorias.

Para o terminus desta crónica, resta a imprensa.

Aqui não há grandes reparos a fazer, julgo eu, tirando aqueles que optam por trazer para as primeiras páginas mentiras que fariam corar o nariz do pinóquio. Claro que também não podemos esquecer aquelas revistas que se ocupam do estudo dos penteados e das roupas do "jet-set", como isso contribuisse para a cultura de qualquer ser vivo.

Enfim, é com tristeza e desilusão que constato a situação actual de grande parte dos órgãos de comunicação nacionais. Resta-nos criticar os pontos negativos e enaltecer os positivos, para que dias melhores deixem de ser utopias e passem a constituir a realidade.

PAUSA PARA SORRIR

Três bandidos estavam a ser julgados, no Tribunal, por pertencerem a um bando de malfeitores muito conhecido em certa localidade, onde todos temiam os seus assaltos.

A certa altura, o Juiz perguntou:

– "Então vocês são do tal bando?"

Em deles respondeu:

– "Semos, Sr. Juiz, semos".

Irritado o Juiz corrige:

– "Semos, não: somos!"

Pergunta, admirado, o ladrão:

– "Ai, V. Ex.a, Sr. Juiz, também é cá do bando?" ...

SER

Já pensaste que poderíamos

Ser muito mais do que somos?

Ou diferentes, talvez.

Mas sempre humanos,

Sempre com um coração

Carregado daquela espera ansiosa

Pelo próximo momento

Que nos fará sofrer.

Já pensaste que poderíamos

Ser muito menos do que somos?

Ou diferentes, talvez.

Mas sempre humanos,

Sempre agrilhoados

àquele desejo

De possuir o vento,

O mar, a vida.

Já pensaste que poderíamos

Ser diferentes daquilo que somos?

Os os mesmos, talvez.

Mas sempre o nada.

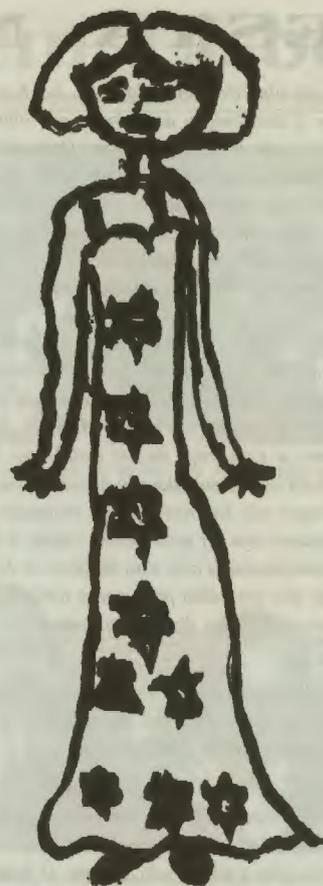
Sempre o nada

Procurando

Entre os grãos de tempo

O momento da eternidade

Marta Mariz Mendes



A PRIMAVERA

Quando chega a Primavera
Voltam os pássaros cantando alegremente,
Porque partiram dum país frio
À procura de outro mais quente.

Constroem os seus ninhos
Nas árvores, e nos telhados,
E criam os filhinhos
Com todos os cuidados.

Os meninos estão contentes
E as flores cheias de vida,
Pois todos os seres adoram
Esta estação querida.

É nessa bela estação
Que chegam as flores,
Nascem tantas, e tão lindas
Que parecem uns amores.

Volta logo o senhor sol
Tornando lindo o dia,
Vem visitar as crianças
Brilhando de alegria.

Aparecem as borboletas
Todas muito coloridas,
Vêm rever o sol
E as florinhas queridas.

Pousam nas flores
E começam a chupar
O néctar saboroso
Que depois levam no ar.

Cristina Leite

FESTA NA ESCOLA

Nas escolas de Santa Bárbara, ao Ramalhão, realizou-se a distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram no ano anterior. Os meninos e as meninas trouxeram as suas roupinhas novas (as mães fangeiras são muito ciosas com os seus filhos) cantaram belas canções (este ano revelaram-se mais afinados que o ano passado) e depois tiveram uma lanta "Ceia de Natal" oferecida pela Junta de Freguesia.

Um dos números que nos surpreendeu foi a exibição de um mini rancho folclórico constituído exclusivamente por gente da casa e ensaiado por uma das nossas professoras: a D. Mabilde. Sempre alimentamos a esperança de ver criado em Fão um rancho folclórico; no entanto esta pretensão cai sempre na rua porque não há ensaiador ou ensaiadora. E de repente aparece-nos ali uma pessoa capaz, e mais do que isso, entusiasmada com essa hipótese. A Junta não quer tentar dar um passo para que a ideia do rancho se concretize? E o que diz a Cooperativa Cultural?

O ambiente na escola era agradável. Não havia frio. E tudo porque o Hospital ofereceu à Escola, tempos atrás, aquecedores eléctricos.

Não há dúvida que as professoras da Escola sentem-se agradadas com a gente de Fão. O Hospital fornece fotocópias e papel, tudo de borla. O Valdemar ou melhor a Casa Valdemar fornece, também de borla, a tubagem para o aquecimento. O Geninho (cautoneiro)

montou um fogão, também por amor. Alguém doou igualmente uma bandeira nacional. Enfim, são só mimos.

Mas voltando à récita. Houve declamações como nos bons velhos tempos. Notamos só um senão: é que os futuros "vilares", ao apresentarem-se no palco, não faziam as vénias aos circunstantes como mandam as boas regras de etiqueta. No nosso tempo era assim: uma vénia à chegada e outra à partida.

...

Ciceronados pelo mesário da Santa Casa da Misericórdia Norberto Manuel Mota, percorremos as instalações do Infantário que é administrado pelo Hospital. Muito asseio, muita ordem, muito sentido de responsabilidade foi a impressão que nos ficou dessa visita relâmpago a postular uma futura reportagem profissional à grandeza de Instituição.

ALUNOS PREMIADOS

Fundação Pio Rodrigues: Luis Ricardo Ferreira Vila-Chã Esteves; Hugo Francisco Reis Azevedo; Paula Carina Oliveira Gaifém - Escola das Pedreiras.

Prémio Portugal Marreca: João Carlos de Pereira Ferreira e Silva Arantes; Alexandra Ferreira Neves.

Prémio Campos Morais: Pedro Ricardo Matias Sequeira Tomé Fula; Fernanda Vieira dos Reis.

Prémio Prior António Alves Nogueira: Paulo Sérgio Lopes Fonseca.

Prémio Santa Casa da Misericórdia: Paulo Sérgio Lopes Fonseca; Liliana Maria Brandão Ferreira.

Prémio Escultor António Esteves: Marília Alexandra Ferreira da Silva Moledo; Rui Nelson da Silva Soares.

"CIRDAN - Círculo de Dança, L.da"

MÁRIO NEIVA LOSA, 1.º Ajudante, CERTIFICA que entre ANÍBAL FRANCISCO SARAIVA SOARES, divorciado, residente no lugar de Ofir, freguesia de Fão, concelho de Esposende e PAULO MANUEL EIRAS TORRES, casado com Lúcia Maria Costa Braga Ferraz Torres, na comunhão de adquiridos, residente ligar dos Lfrios da dita freguesia de Fão foi constituída a sociedade em epígrafe que se reger pelo seguinte contrato:

Art.º 1.º - A sociedade adopta a firma "CIRDAN - CÍRCULO DE DANÇA, L.DA", e tem a sua sede na Rua Engenheiro Custódio Vilas Boas, n.º 57, desta cidade.

PARÁGRAFO ÚNICO - A sociedade poderá, por simples deliberação da gerência, transferir a sede para outro local, dentro do mesmo concelho ou para concelhos limítrofes, bem como criar ou suprimir filiais, dependências ou outras formas de representação.

Art.º 2.º - O objecto da sociedade consiste no ensino e prática de dança em geral, organização de ballet, festas e convívios, com ou sem comidas e bebidas, comercialização de artigos relacionados com a actividade de dança ou outros dentro do mesmo tema.

Art.º 3.º - O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas, uma no valor de duzentos e quatro mil escudos pertencente ao sócio Anibal Francisco Saraiva Soares e outra no valor de cento e noventa e seis mil escudos pertencente ao sócio Paulo Manuel Eiras Torres.

Art.º 4.º - As censões de quotas, no todo ou em parte, são livres entre os sócios, para o que ficam desde já autorizadas as necessárias divisões; porém, a favor de estranhos carecem de prévio consentimento da sociedade, à qual, em primeiro lugar, e aos sócios não cedentes, em segundo lugar, é conferido o direito de preferência.

Art.º 5.º - 1) A sociedade é administrada e representada por dois gerantes, sócios ou não, com ou

sem remuneração de acordo com o que for deliberado em Assembleia Geral.

2) Ficam desde já nomeados gerentes ambos os sócios.

3) Para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos, é necessária e suficiente a assinatura de qualquer um dos actuais gerentes.

4) Fica desde já vedado aos gerentes vincular a sociedade em todos os actos estranhos ao interesse da mesma.

Art.º 6.º - Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que a mesma carecer, nos termos e condições a estabelecer em Assembleia Geral.

Art.º 7.º - Os lucros líquidos apurados depois de retirada a percentagem para a reserva legal, terão o destino que a Assembleia Geral determinar, podendo a sociedade criar as reservas livres que entender.

Art.º 8.º - Por falecimento, interdição ou inabilitação de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou com o representante legal do interdito ou inabilitado, devendo aqueles escolher de entre si um que os representará na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.

Art.º 9.º - 1) Em caso de liquidação da sociedade, todos os sócios são liquidatários, devendo proceder à liquidação e à partilha que for acordada em Assembleia Geral.

2) Na falta de acordo haverá licitação verbal entre todos, para o activo e o passivo serem adjudicados na globalidade por aquele que oferecer maior preço e melhores condições de pagamento.

Art.º 10.º - As reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por carta registada com aviso de recepção, expedidas com antecedência mínima de quinze dias.

Está conforme o original.

Numeradas de folhas uma a quatro.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE AOS CATORZE DE DEZEMBRO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E CINCO.

O 1.º AJUDANTE,
a) Mário Neiva Losa

Encerramento de fábrica

Foi com grande preocupação que os fangeiros tomaram conhecimento que a fábrica dos Irmãos Carlos fechou na semana passada. Foram mais 40 pessoas que ficaram sem emprego.

Bem sabemos que o pessoal agora desactivado pode requerer o subsídio de desemprego, mas essa não é a melhor solução. O desemprego é uma ameaça ou já um mal que apoquento tanto o país (à volta de 500.000 desempregados) como o mundo ocidental.

Neste capítulo a nossa terra está a pagar a sua conta. Na verdade Fão nestes últimos anos viu já encerrar-se algumas unidades fabris o que sem dúvida empobrece a sua capacidade económica. Em tempos mudou-se para a Estela a fábrica de madeiras que laborava onde antes tinha sido a fábrica de Albino Torres. A firma Julieta Dias também deixou de laborar em Fão. O mesmo se diz da empresa Brochado e Ferreira que se transmudou para Goios. Agora foram os Irmãos Carlos. Ao que nos consta, só a confecção de Pai Paulino consegue resistir, bem como a do Marinho, o que é muito pouco.

Clínica Médico-Dentária de Fão

DR. PAULO SALEIRO informa os seus pacientes e amigos que passou a exercer a sua actividade médico-dentária na clínica que se situa na Avenida S. Januário em Fão, Entr. 1 - 1.º D.to - Edifício das Rodas, Estrada Nacional 13, frente à Escola Profissional de Turismo, próximo do Banco.

Horário de trabalho: Segundas (à tarde), quartas e sextas (todo o dia), terças e quintas continua a trabalhar na Matemidade de Forjães (Tel. 871325).

A partir de 3 de Janeiro de 1996 deixou de trabalhar no Hospital de Fão; também não exerce actividade em Esposende.

Marcação de consultas: todos os dias pelo tel.: 983724 / 0931-535383 ou directamente às segundas, quartas e sextas.



Núcleo de Esposendenses em Lisboa

Texto: **Amanda Saraiva** / Fotos: **Zito Saraiva**

Já lá vão quatro anos que o Dr. Orlando Capitão tomou a iniciativa de, na Quadra de Natal, juntar na casa do Minho, em Lisboa, os minhotos residentes na capital. Realizaram-se duas ceias em 92 e 93 que decorreram com muito entusiasmo. Em ambas o grupo de esposendenses destacou-se. Daí deve ter nascido a ideia da constituição do Núcleo de Esposendenses em Lisboa, agregado à casa do Minho.

Este ano foi exactamente esse núcleo que promoveu a Ceia dos Reis, que se realizou no passado dia 6, no Restaurante Fateia, em Belém. Juntaram-se aí 53 esposendenses que verdadeiramente reforçaram os laços de amizade que a todos une e ouviram o emissário da Câmara dr. Tito Evangelista, que falou de Esposende, do seu evidente progresso e do programa de obras para o ano em curso. Programa que vem inserido noutra rubrica deste jornal. Nestes últimos anos, revelou, o concelho de Esposende destacou-se dos outros concelhos do distrito e investiu 6 vezes mais do que as câmaras anteriores. Turisticamente Esposende está a tornar-se apetecível e quando melhorarem as vias que ligam Esposende ao Porto, o que espera estejam prontas em fins de 97, o nosso concelho será ainda mais procurado. É importante que Esposende fixe os seus habitantes e que se diminua a diáspora actualmente verificada.

Findas as suas palavras, ouvidas com muito interesse, estabeleceu-se um período de perguntas e respostas que se prolongou por algumas horas. O dr. Tito, sempre sereno, muito paciente, sabedor, arguto, calmo, diplomata, convincente, crente do que dizia, deu todos os informes solicitados, percorreu as freguesias uma a uma, abordou o problema do turismo, falou da habitação geral, da limpeza (a Câmara gasta 80 mil contos por ano com o problema do lixo), deteve-se na dinâmica industrial, no saneamento, nos dinheiros gastos em Fão (não há razões para queixas) enfim, revisitou o concelho de lés a lés.

Foi de facto uma noite de Esposende, uma noite que se deve repetir, ao menos uma vez cada ano, uma noite que impeça que os esposendenses que residem fora se esqueçam da sua terra.

Núcleo de Esposendenses em Lisboa - Conselho Geral - Eng. João Oliveira Martins, Eng. José Areia, Dr. Joaquim Vassalo. Comissão Coordenadora - Dr. Orlando Capitão, António Miquelino, António Sá Pereira.



O Dr. Rui Agonia no uso das suas interrogações



Uma cena rara de se ver: um Matias sem o mano



O amor à terra juntou-os



Eng. Zé Areia e Miquelino: dois ferrinhos nestas reuniões



O anfitrião Meira



Dr. Orlando Capitão o iniciador destas ceias
António Sá Pereira: incondicional aderente



Uma mesa só de VIPS



Câmara: presença que se impunha e impôs



Um Migueis feliz



Fão: presença em cheio

DE APÚLIA

O INSÓLITO À HORA DO ALMOÇO –

Um camião carregado com rolos de madeira exótica, com a matrícula UG-74-24, propriedade de Franclim & Filhos, L.da, de Escariz – Arouca, conduzido pelo motorista, Senhor António Alves de Pinho, residente em Barbeitos – Arouca, foi protagonista de um insólito acidente, que só por mero e feliz acaso não causou vítimas.

No dia 26 de Dezembro, a habitação do Senhor José Alvim Maia, no lugar de Paredes, mesmo ao desfazer da curva da Estrada Nacional 13, a seguir à casa do “Herdeiro”, foi parcialmente destruída pelo embate dessa viatura.

Os prejuízos materiais, superiores a três mil contos, dizem bem da gravidade deste insólito acidente.

Mas, dirão os proprietários da habitação e o motorista, do mal o menos, já que não ganharam para o susto.

FUTEBOL – Último resultado, fora, Gavião, 1 – Apúlia, 1.

O jogo não terá sido famoso, e o resultado, segundo os que o viram, acabou até por ser lisongeiro para o nosso representante. Mas a sorte desse resultado apenas compensa, em parte, a infelicidade verificada noutros jogos.

Amanhã, 7 de Janeiro, o Apúlia recebe o “Águias da Graça”, um sério candidato ao ceptro de campeão.

FALECIMENTOS – No mês de Dezembro faleceram os seguintes apulienses: No dia 6, Eduardo Peralves Gomes Tomé, nascido em 31 de Março de 1939. Era filho de Inácio Gomes Tomé e de Maria Rosa Peralves.

Deixa viúva a Senhora Alexandrina Alvim Gonçalves Souto.

– Em 15, Laurentina Gonçalves Herdeiro, solteira, filha de Cecília Gonçalves Herdeiro.

Nascida em 10 de Novembro de 1918, foi a sepultar no Cemitério de Fonte-Boa, freguesia de onde era natural.

– Em 28, António de Jesus Ferreira (Romano), natural de Apúlia, onde nasceu em 22 de Outubro de 1919. Era filho de Alexandrina de Jesus Ferreira, e viúvo de Laurendina Quintas de Sousa.

– No último dia do mês e do ano, Maria de Jesus da Silva do Vale, viúva de Alfredo Fernandes Fragoso, e filha de Augusto do Vale e de Ana de Jesus da Silva.

Nascera em Apúlia no dia 1 de Novembro de 1913.

As famílias enlutadas, apresenta este Jornal e o seu correspondente em Apúlia, sentidos pêsames.

JANEIRAS – Dizem os antigos que já se cantavam por cá há mais de 100 anos. Depois, talvez pelo advento da telefonia, das crises e mutações das pessoas e dos seus hábitos e foi-se esquecendo esse bonito uso de saudar as pessoas nas suas próprias casas.

Reatado esse costume há anos, ele “caiu” aqui em Apúlia como “sopa no mel”.

Revivem-se os factos e costumes dos nossos maiores, cultiva-se a sensibilidade das pessoas, e vai-se amealhando “algum” para obras de indiscutível interesse social para a Comunidade.

Este ano lá andam eles, os “Janeiras”, homens e mulheres respeitáveis, mais uma vez a percorrer a freguesia, cantando.

Desta vez, o fim principal são as futuras obras da futura nova Igreja Paroquial, obras a que a freguesia, vocacionada para o culto religioso, atribui importância vital.

FACTOS – O Esporão das Pedrinhas? – Os terrenos de Cedovem? – O desaparecimento das melhores praias de Apúlia? – Estradas e ruas que se apertaram quando deviam ser alargadas?

Sim, todos esses assuntos, de ontem, de hoje e de amanhã, são de muito interesse para Apúlia.

Mas que não haja enganões, que ninguém se iluda, eles só poderão ser remediados (os que o puderem ser), se todos os apulienses, os simples, os importantes e as autoridades civis se baterem, se sacrificarem por isso.

Que não se espere que sejam sempre os mesmos a dar a cara, a arcar com o odioso dos que pensam de maneira diferente.

Se todos queremos uma Apúlia melhor, TODOS temos obrigação de lutar por isso.

TOPONIMIA LOCAL – A Junta e Assembleia de Freguesia vão propor a alteração da toponímia local, com o descerramento de nomes de alguns apulienses (pelo nascimento ou pelo coração), que por obras ou feitos ajudaram ao crescimento de Apúlia, ou à difusão do seu nome, da suas virtudes e da sua beleza.

Sabe-se que vultos da nossa história recente, como o Padre Cândido Lima das Eiras, Engenheiro António Augusto Fortes Lima, Manuel Gonçalves Torres, Isaías dos Santos Hipólito, e Professor Manuel Lopes Cardoso, vão dar o seu nome a algumas das nossas ruas.

É uma dívida de gratidão que se vai pagar; é uma pequena homenagem que Apúlia vai prestar a alguns dos muitos que a serviram, que a ajudaram a crescer, e a ser mais conhecida e respeitada.

ANTÓNIO ROMANO – Ninguém o conhecia por outro nome. Romano, porquê? Quem escreve estas linhas não sabe. Sempre o conheceu assim: moreno, magro, triste, de poucas palavras. Foi pescador artesanal à força, para viver. Foi sempre um homem sério, honesto, um bom cidadão.

Jogador de futebol exímio, só não foi para um clube importante, na época, da cidade do Porto, por só saber jogar descalço. Ele, o Arlindo do Amâncio, o Silvério Eiras, e o Lino Questoiras, formaram uma linha atacante temível do Apúlia de antigamente. Desses, só o Arlindo de Amâncio, é que vive.

Como noutro local noticiamos, faleceu no dia 28 de Dezembro de 1995, depois de peregrinar por esta terra (Mundo) madrastra, 76 anos.

Que a paz esteja com a sua alma e que a terra lhe seja leve.

OBRIGADO – Do Avelino Fernando Carvalho, um bom amigo de algumas décadas, respeitável funcionário bancário na cidade do Porto, sempre me habituei a receber provas de inequívoca consideração e amizade. Nas horas boas e nas horas más.

Agora, por ocasião das festas de Natal, o amigo Fernando, um apuliense nado e criado na minha rua, quis-me testemunhar os seus desejos de bom Natal de uma maneira curiosa: o envio de um quadro pintado por si, com motivos da nossa Praia. Lá estão o Castelo, a Casa do Cônego, e a Casa do Salva-Vidas. E a praia, em areia natural.

Na minha mocidade, andava muito em voga uma canção cantada por João Maria Tudela, que falava em Kanimambo, Muchas Grácias, Obrigado. Palavras diferentes para dizerem a mesma coisa, apradecer.

Para o Fernando, simplesmente OBRIGADO.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
“APÚLIA”

Talho 1 – ☎ (053) 981920

Talho 2 – ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



GRANJEIOS DIVERSOS

(Continuado do número anterior)

1 - INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento da cultura ela está sujeita a ataques dos seus inimigos, que se dividem em dois grandes grupos - as ervas daninhas, por um lado, as doenças e pragas por outro. A separação resulta de, até aqui, os métodos de combate serem diferentes. Agora, também já se podem combater as ervas por processos químicos. Assim, este capítulo começará pelos métodos de combate às infestantes, passando à rega e fertilização de cobertura. A seguir trataremos das doenças e pragas. Por último, serão referidas as operações que incidem sobre as plantas individualmente.

2 - SACHAS, MONDAS, AMONTOAS

Por muito boa que seja a preparação do terreno feita com a cava ou lavoura, as ervas continuam a aparecer. Se a cava foi feita no Inverno, o aumento da temperatura na Primavera fará nascer muitas plantas que exigem tempo quente. Se a cava foi feita no Verão, teremos as chuvas de Outono a estimular a germinação das sementes de plantas invernais. Há sementes e outros propágulos que podem permanecer no terreno vários anos, sem contar com os que são transportados pelo vento, animais, etc. De resto, o combate às ervas, por mais eficaz que seja, não consegue destruí-las todas. Em

certas espécies, basta uma planta para produzir milhares de sementes.

Por estas razões, é necessário continuar o combate às ervas durante o desenvolvimento da cultura.

Em pequenas áreas, pode-se fazer a sacha ou a monda manuais. A diferença entre um trabalho e outro está no facto de, na monda, se tentar arrancar, com sacho de cabo curto ou à mão, cada infestante por si. "Atacam-se" as plantas por assim dizer. Na sacha há a preocupação de revolver toda a superfície do terreno, com um sacho de cabo comprido, de modo a deixá-la pulverizada. Acreditava-se que este facto conservava a água do solo, por reduzir a sua evaporação, devido à quebra de continuidade entre as camadas mais profundas e a superfície. Assim, a água não chegava ao contacto com o ar e não se vaporava. Por outro lado, a parte remexida seca rapidamente, o que representa uma perda, e a maior penetração do ar nessa zona vai aumentar a evaporação das camadas inferiores. À falta de experiências rigorosas que acabem com as dúvidas, este é um assunto cuja discussão será sempre pouco conclusiva. Os benefícios atribuídos à sacha como meio de conservação da humidade no solo devem ser consequência da destruição das ervas, eliminando o consumo de água que elas faziam e outras formas de concorrência às culturas.

Seja qual for a razão, não há dúvida que a sacha ou a monda são necessárias e devem ser feitas sempre que as ervas se comecem a desenvolver.

Nas culturas a lanço é preferível à monda, por ser mais cuidadosa e evitar o arranque das plantas cultivadas.

Nas culturas em linhas é fácil fazer a sacha, trabalhando entre as linhas. Usa-se o sacho puxando a terra para nós, com a lâmina a penetrar apenas um ou dois centímetros, paralela à superfície do solo.

A cultura em linhas é sempre preferível, mas, no caso de áreas maiores, é indispensável, porque a sacha é um processo mais cómodo e rápido de combater as ervas, em relação à monda. Pode-se, além disso, recorrer às máquinas de tracção animal ou mecânica, como os cultivadores, de que há um tipo particular chamado sachador. Estas máquinas, de funcionamento semelhante às grades, são arrastadas ao longo das entrelinhas, trabalhando em uma ou várias ao mesmo tempo, conforme a sua largura, e o solo fica revolvido, como sucederia se tivesse sido trabalhado com um sacho.

Esta operação deve ser superficial, para não destruir as raízes da cultura.

Quando se sacham culturas de tubérculos, como a batata, a beterraba, a cenoura e outras semelhantes, é frequente, por muito cuidado que se tenha, deixar as raízes ou as

batatas à mostra. Para evitar isso, ou melhor, para remediar, faz-se a amontoa.

Consiste em amontoar terra em volta do pé da planta e, normalmente, faz-se ao mesmo tempo que se sacha. Depois de ter revolvido o terreno em redor da planta, puxa-se a terra para junto dela com o sacho, e ajeita-se para cobrir bem a zona das raízes.

Também se podem utilizar os sachadores mecânicos para esta operação. Equipam-se com umas pequenas aivecas, como as das charruas, no lugar dos dentes traseiros. Os da frente remexem o solo, e as aivecas vão empurrá-lo para os lados, na direcção das plantas. Fica, ao meio, um rego que pode ser usado para a irrigação.

1 - APLICAÇÃO DE PRODUTOS FITOSSANITÁRIOS

Outra forma de combater as ervas, em vez de sachar ou mondar manualmente, é deixar o solo por mobilizar e fazer a monda química.

Há três formas principais de fazer a aplicação dos produtos herbicidas. Uma é em pré-sementeira, outra em pré-emergência e outra em post-emergência.

Pré-sementeira - Em vez de cavar ou lavar o terreno, faz-se a destruição das ervas com um herbicida. Depois abrem-se os regos ou linhas e semeia-se. Há produtos destes que, além da acção imediata, sobre as ervas existentes, tem acção residual, destruindo as camadas seguintes de ervas à medida que vão germinando, mas sem afectar a cultura. É claro que cada cultura pode exigir um produto diferente, porque os inofensivos para uma podem não o ser para outra.

Pré-emergência - Depois do terreno ter sido preparado, quer por mobilização (cava ou lavoura), quer por aplicação de herbicida de acção imediata e não residual, faz-se a sementeira e aplica-se um herbicida apropriado antes da cultura emergir da terra. O herbicida tem acção residual, como ficou descrito atrás. Também se pode fazer a sementeira sem qualquer preparação do terreno a não ser a abertura dos regos, que pode ser feita pela própria máquina semeadora. Neste último caso pode-se usar um herbicida do mesmo tipo que os de pré-sementeira, embora não haja qualquer vantagem.

Post-emergência - Esta é a forma tradicional de fazer a monda química. Quando a cultura já está adiantada, aplica-se um produto que, sendo inofensivo para ela, vai destruir as ervas daninhas. Pode ter alguma acção residual, embora não seja muito necessária, dada a época adiantada de aplicação.

As máquinas usadas para aplicar os herbicidas são as mesmas que para os outros pesticidas, e já foram referidas no capítulo sobre o equipamento.

(Continua no próximo número)

O BOM JESUS DE FÃO

Conflito com o Reitor - 1718/1720 e outros anteriores

(Continuado do número anterior)

A fazer fé na inscrição existente na padieira da Sacristia do Santíssimo Sacramento - 1674 - a Igreja Matriz fora construída há quase meio século, devendo carecer de obras, mas o povo só contribuía para a Capela do Bom Jesus, não sobrando velas para a Matriz.

É certo que o Chantre era obrigado a conservar a Capela-mor da Matriz e a residência paroquial, mas cumpria mal essa obrigação (3), a tal ponto que a própria residência, mais tarde, desapareceu engolida pelas areias (4).

Mas este conflito teve precedentes, como relata de forma brilhante, no seu interessante livro "O Arquivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão", o dr. Alberto Antunes de Abreu:

Pároco Pero Gonçalves - Já era vigário de Fão a 5-2-1600. Teve um conflito com o Reverendo Domingos Gomes, morador na Rua do Cabo (hoje Azevedo Coutinho), contra o qual moveu processo civil, do que resultou a prisão do Padre Gomes no Castelo da Corte, em Braga, condenado por cometer delitos graves contra o reitor Pero Gonçalves e outras pessoas.

Em 9-11-1650 foi também condenado a pagar as custas do processo. Como não o fez, foi vendida em hasta pública a bolsa da Maia, que lhe pertencia, por 50.000 reis.

Nessa época (1600) moravam em Fão o Padre André Vilas Boas, que em 1611 era Vigário de Apúlia, bem como os Reverendos Manoel Serveira e António Ribeiro e em 1629 o Padre Francisco Leite.

Em 1632 era Provedor da Misericórdia o Padre Amados Francisco Chaves, Mestre Escola na Colegiada da Enfiteuta Igreja de Cedofeita. Era filho de Magdalena André, de Fão, que mandou construir, à sua custa, a Capela-mor da Igreja da Misericórdia. Devia passar temporadas em Fão.

Pároco, Padre Manoel Maciel Jordão - Suponho sucedeu ao Reitor Pero Gonçalves. Pelo menos era Pároco de Fão a 2-7-1681, quando benzeu o Adro da Igreja da Misericórdia.

Creio ter sido com ele que sucedeu um grave conflito com o Provedor da Misericórdia de Fão, Padre Francisco Leite Maio, que em 1677 se recusou a prestar contas ao Reitor da receita e despesa da Misericórdia, o que levou o Vigário de Fão a recorrer ao Tribunal.

O Provedor da Comarca de Viana da Foz do Lima não conseguiu que o Provedor lhe apresentasse os livros e contas. (Era ele quem fiscalizava as contas das Irmandades e Confrarias. Informou o Rei do sucedido, por carta de 12-5-1677. D. Pedro, Príncipe Regente, ordenou o sequestro imediato das rendas da Misericórdia "até vos entregar os livros, e tomadas as contas fazendo relação do que delas resultar". E o sequestro foi efectuado.

Pároco Domingos de Sousa Lobato - Deve ter sucedido ao Padre Jordão, como Reitor de Fão, pelo menos era Pároco em 1693.

Em 1693, a 7 de Setembro, o Padre Francisco Rodrigues cantou uma missa na Igreja da Misericórdia, com repouso sobre uma sepultura. Não pediu autorização ao Pároco. Este processou-o, mas verificando, pela defesa do réu, que não tinha razão, pois tratava-se de missa de legado, desistiu da causa e foi condenado a pagar as custas.

Enquanto corria o processo, na Quinta-feira Santa de 1694 o Reitor fechou a porta da Igreja Matriz à procissão, por não ser presidida pelo Capelão da Misericórdia, que estava impedido, mas por outro padre e o Provedor não aceitar a presidência do Pároco. Não houve o sermão da Paixão, com grande escândalo.

NOTAS: (1) Teve processo na Santa Inquisição, por se ter denunciado "Jornal de Esposende, de 15-2-1995, artigo do Dr. Penteador Neiva". (2) Era pai de Pedro Domingues da Cruz e pessoa abastada. Em 1703, a 24 de Junho, arrendou por dois anos ao Deão da Capela real de Vila Viçosa, dos rendimentos que lhe pertenciam "todos os dízimos e premicias e mais frutos que lhe costumam pagar em cada ano por trezentos e sessenta mil reis em dinheiro contado em cada um ano, livres e isentos de todos e quaisquer encargos", sendo pagos em Lisboa e ainda com os mais encargos que dela se pagam. "O rendeiro se obrigará mais a retalhar e zelar a Capela-mor da Igreja e caleá-la por fora e por dentro na forma em que se mandou pelo Capitulo de Visita neste presente ano". (4) Descoberta em 1842. À Junta de Paróquia, com autorização do Governador Civil, resolveu vendê-la para, com o produto da venda, reparar a Capela-mor da Igreja Matriz (acta de 22-1-1843).

Errata do número anterior

- Parágrafo 5.º - O nome do Padre é Domingos de Sousa Lobato.

- Parágrafo 10.º - 1712/1217 - O Juiz é Padre Manoel Afonso.

- Último parágrafo - Eram 5/6 dos dízimos

O Deão e Vila Viçosa recebia de cada 12 peixes 1 (um).

A escritura refere também, além do dízimo "premicias e as frutos que se lhe costumam pagar". Isto pressupõe que os outros moradores (lavradores, industriais, comerciantes, etc., também contribuíam para o Deão).

CARLOS MARIZ

ÓRGÃOS SOCIAIS DO CLUBE FAOZENSE

ASSEMBLEIA GERAL: *Presidente* - Dr. Armando dos Santos Saraiva; *Vice-Pres.* - Manuel Faria Solinho; *1.º secret.* - Rafael Maciel de Oliveira; *2.º secret.* - João Emílio Sá Pereira.

DIRECÇÃO: *Presidente* - Adelino Gomes Fonseca Saraiva; *Vice-Pres.* - António Ferreira Gomes da Silva; *Secret.* - Gustavo Ernestino Gomes da Costa; *Vogal efectivo* - José Lopes de Lima; *Vogal Sup.* - Manuel da Costa Lopes Cardoso.

CONSELHO FISCAL: *Presidente* - Dr. José Albino Torres Saraiva; *Secret.* - Prof. José Filipe dos Santos; *Relator* - Dr. Manuel de Oliveira Carvalho de Matos; *Supl.* - Ernestino Gonçalves Didier.

PARTIDO POPULAR (CDS/PP)

COMISSÃO POLÍTICA CONCELHIA DE ESPOSENDE

Presidente - Álvaro Manuel Oliveira-Maio; *Secret.* - António Eduardo de Oliveira Viana; *Vogais* - Manuel Moreira Passos, Sérgio Martins Viana-Dr., Manuel Ramires Gomes da Cruz, Manuel Augusto Carvalho Sá, Paulo Alexandre Lopes Oliveira, Manuel Augusto Almeida Faria, João Maria Moreira da Silva e José Manuel Simões Marques Correia.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente - João Augusto Pinto Vilarinho Rodrigues; *Vice-Pres.* - Óscar Hernâni Gomes Viana; *Secret.* - Fernando Manuel da Silva Carvalho.

J.C. - GERAÇÕES POPULARES

COMISSÃO POLÍTICA CONCELHIA DE ESPOSENDE

Presidente - Paulo Alexandre Lopes Oliveira; *1.º Vice-Pres.* - Alexandre Carvalho Moreira, *2.º Vice-Pres.* - Tiago Nuno Novo da Costa; *3.º Vice-Pres.* - Marlene Sofia Carvalho Tarrío; *Secret.* - Elisabete Maria Lopes Oliveira; *Vogais* - David Francisco dos Santos Passos, Gil César Meira da Cruz Queirós, Diogo Vilarinho de Barros Zão, Simão Pedro Torres Fernandes, Paulo Alexandre Ferreira Amorim e Rui Filipe Machado Lopes.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente - António Eduardo de Oliveira Viana; *Vice-Pres.* - Rute Carvalho Moreira; *Secret.* - Maria Fernanda Linhares Cruz.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 63 748 - FAX 66 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 7567206

ASSALTO EM OURIVESARIA RENDE 12 MIL CONTOS

Uma ourivesaria de Fão, cita na Rua de Artur Sobral, foi anteontem assaltada, fora de horas, por dois homens. Cerca de 12 mil contos em ouro foram "limpos" das prateleiras e da montra.

Eram cerca das 21 horas. A ourivesaria já estava fechada, mas os proprietários ainda se encontravam no seu interior, em conversa com um casal amigo. Ao ouvir a campainha tocar, e pensando tratar-se de um cliente, um dos donos correu o trinco da porta. Um homem desconhecido empurrou-o exibindo-lhe uma espingarda de canos cerrados. Era um assalto. Os clientes e os proprietários foram obrigados a deitarem-se no chão.

Entretanto, poucos minutos depois, um outro assaltante apareceu e com um saco começou a "varrer" as prateleiras todas. Quis ainda que os clientes o ajudassem. Na mesma altura em que se estava a dar o assalto, a mãe do dono da ourivesaria, Rosália Oliveira, que ia a passar na rua, ao ver o indivíduo desconhecido a retirar coisas da montra, entrou no estabelecimento. Ao aperceber-se que eram ladrões, entrou numa

gritaria. Só parou de gritar depois dos insistentes pedidos do filho. Nuno temia o pior.

Feita a "vindima total" (cerca de 12 mil contos) os assaltantes entraram num automóvel, estacionado à porta, e abalaram para parte incerta.

Nuno e Helena Carreira, de Fão, montaram a ourivesaria há cerca de um ano. O negócio lá ia dando. Não para enriquecer, mas pelo menos para viver.

O caso foi entregue à Polícia Judiciária (PJ) de Braga. Os proprietários da ourivesaria reconheceram nos ficheiros fotográficos da PJ um dos assaltantes. Tudo leva a crer que os ladrões já são "clientes" daquela polícia.

in "Jornal de Notícias"

FALECIMENTOS

• Na Rua Serpa Pinto faleceu em Novembro Emília da Silva Ramos (Emília Pira).

Era uma das pessoas mais idosas de Fão. Condolências.

• Ainda em Novembro morreu em Fão Emília Gomes da Silva Ferreira. Os nossos pêsames.

• No hospital de Fão, onde se encontrava internado, faleceu o nosso conterrâneo António de Barros Peixoto que exerceu a profissão de Alfaiate em Fão. Durante muito tempo exerceu o cargo de Tesoureiro da Confraria das Almas de que foi um grande dinamizador com presença assídua nos enterros.

António Peixoto tinha em si a missão de servir e nunca se furtava a quaisquer tarefas para que fosse solicitado.

Com o sentido de missão que o caracterizava, foi durante vários anos regedor da freguesia de Fão, cargo que exerceu com muita dignidade.

Aos seus familiares e de um modo especial ao nosso prezado colaborador, Joaquim Peixoto o Novo Fangeiro envia sentidos pêsames.

FESTA

Põe o teu coração engrinaldado
Com coroas de amor e de bondade,
Com pedaços dum pão adocicado,
O pão da simpatia e de amizade.

Os homens necessitam desse pão,
Há mais silves que rosas no jardim,
E ganhar nove fomes para Além,
Convida toda a gente ao teu festim.

No final do banquete sabe bem,
Comer e sobremesas em companhia,
E ganhar nove fomes para Além,
Para a Festa perene de Alegria.

Dinis Vilarelho

• No início de Dezembro faleceu em Braga, onde normalmente residia, a nossa conterrânea Maria Adozinda Salgado Torres, vítima de doença ainda incurável.

A Maria Adozinda era da nossa geração e morreu relativamente nova.

A toda a família enlutada reiteramos o nosso pesar. Caro Solinho, um abraço de solidariedade.

FANFARRA NOS BOMBEIROS

Num gesto digno de todo o louvor, os Bombeiros de Fão adoptaram a Fanfarra que era dos escutas. Os pertences da mesma estavam de posse do Sr. Prior que não teve pejo em entregá-los à Associação dos Voluntários.

Assim vamos de novo ver a desfilar em Fão o garboso grupo da Fanfarra, actualizada, já se vê, que tantos motivos de orgulho deu à terra, exactamente porque era um corpo com garra e disciplina.

Que dure para todo o sempre são os nossos votos.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 750\$00

A cobrança de "O Novo Fangeiro" através dos Correios será por conta do assinante.

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6
Tel. 75777 - Fax 71161 - 4700 BRAGA

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

É Inverno. Chove. Os caminhos, covas de lama onde se enterram pés e sonhos, são caminhadas penosas.

É longo o Inverno, com o seu arsenal de casacos e Kispos.

Estava eu pensando nisto (quase não sei fazer mais nada do que pensar) quando o céu se abriu e uma réstea de sol pardo iluminou a pequena praça.

Foi um deslumbramento.

E pareceu-me (podia lá deixar de pensar nela) que a Primavera vinha aí.

É engraçado: no meio este temporal, sinto às vezes um cheiro bom, diferente, desanuviado – é um bocadinho de Primavera.

E, então, quisera pegar no lenço, abri-lo e meter dentro essa réstea doente de sol a cheirar a mimosas e violetas. Depois? Depois trazer o embrulho para casa, para gastar gulosamente, quando a nostalgia me invade,

Eu estou triste, muito triste. A natureza não ajuda e eu não posso, não quero deixar morrer em mim aquela luminosa parcela de sonho.

À bocado falhou a luz. É um drama. Meu Deus, que tempo este!

E as mimosas que não abrem, nem as violetas rasteiras que havia dantes nas bordas dos caminhos... E balanço entre o dantes e o agora e faço contas, comparações e o Fernando diz, no seu vozeirão impenitente: estás velha, "pastorinha"!

Pois estou.

Só que às vezes, olho o espelho, e este traje juvenil que sempre usei, um tanto "negligé" com que me identifico, não me traz a imagem duma velha. A imagem que vejo é a de uma alma que quer furar o invólucro e ir, por esse mundo cantando w dando as mãos, sempre a mais um, a mais dois que vêm surgindo...

É esta, hoje, a mensagem ainda natalícia que vos deixo, na esperança sincera de que o Deu/Menino perdure, m todo o ano, em todos os lares de Fão. É que Ele também é (e por direito mais que próprio) a maior "pedra" que fala.

Bom Ano.

ENG.º JOSÉ GONÇALO AREIA - ADMINISTRADOR NA RTP

Assumi funções de Administrador da Radiotelevisão Portuguesa SA - RTP, o nosso conterrâneo Engenheiro José Gonçalo Ferreira de Areia, que transitou da Telecom Portugal.

Ninguém imagina o que se esconde naquelas barbas de patriarca cheio de fôlego e de ideias.

José Gonçalo Ferreira de Areia, Engenheiro, foi presidente do Conselho Executivo da Telecom Portugal, depois de exercer funções de Director-Geral nas Telecomunicações de Portugal. Devido à grande



reforma orgânica dos CTT, desligou-se dos Correios e passou a assumir a Direcção dos telefones móveis. Foi depois Inspector Superior na Telecom, cargo que se se desligou há dias. É também, um artista nato. Foi timoneiro de Yolles por força das circunstâncias, numa embarcação puxada a quatro remos, autêntica carcaça ensebada a deslizar pelas águas dos rios nortenhos; tornou-se matemático por vocação, depois de bem puxado pelo Dr. Arménio (que Deus haja), no Colégio Infante de

Sagres; é ainda engenheiro electrónico de profissão, artista plástico nas horas vagas, tendo de improvisar, o estúdio, onde se põe a mesa para o jantar.

Ser artista em meios grandes é muito complicado. O Zé Areia, natural do Concelho de Esposende já nem precisa de publicidade tal é o seu valor, mas como artista, nem falemos. Basta dizer que pintou a casa do arco e a entrada da rua com a trepadeira de lilazes perfumados, trabalho que fez capa ao poema da Helena Amaro no primeiro Encontro dos antigos alunos do Colégio Infante de Sagres. Lembra-se? Este trabalho merece ser recordado por constituir um documento feliz de tempos ainda mais felizes.

Parabéns e longevidade em tão importantes funções.

ARTUR L. COSTA

PRAIA DE FÃO

*Praia de Fão por nascença
E de Ofir por opção
Tem encanto, tem presença
Dois nomes, e uma são.*

*E o Cávado enamorado
Veio de longe e ficou
Como noivo apaixonado.
A mão lhe pediu... e casou.*

*Que tormentos de alma sente
Oh!... Como eu ouço seus ais
Porque a linda Ofir consente
Beijos dos verdes pinhais.*

*Suas areias, são ouro
Que a todos faz cobiçar
Até Salomão, o tesouro,
A Ofir vinha buscar.*

*Se tu mesmo queres olhar
Vai num dia de calor
À tardinha pelo sol-pôr
Verás seu ouro brilhar
Em toda a beleza, esplendor.*

MARIA ROSÁLIA

O FUTEBOL E A LEITURA

Por ARMANDO SARAIVA

(Continuado do número anterior)

RAÍZES

Vamos regressar aos primórdios da humanidade. Sem receio, podemos concluir que o período mais importante da história antropológica é aquele que decorre, ao longo da passagem do ser humano de animal essencialmente trepador e de quatro patas no chão para um ser eréctil e por isso mesmo bípede. A sua ocupação primordial era a caça, actividade que se lhe impunha por uma questão de sobrevivência. As mãos e os braços desenvolveram-se para uma função decididamente preensora, defensiva e atacante. Havia, nessa altura, como hoje, animais com porte mais robusto que o ser humano, pelo que este foi obrigado a conceber instrumentos, tácticas e estratégias, para dominar outros seres semelhantes – homo homini lupus – e sobretudo animais que se lhe deparavam no

quotidiano. Os músculos e a caixa torácica ampliam-se. A necessidade faz o órgão e, como tal, aumenta-lhe a inteligência e daí um natural desenvolvimento da caixa craneana. O precisar de ajuda e cooperação desenvolve-lhe o sentimento de gregarismo e de solidariedade.

DESENVOLVIMENTO URBANO E DISTRACÇÕES

Passados um milhão de anos e descoberta a agricultura, o ser humano sedentariza-se. A caça deixou de ser uma luta da vida ou de morte. Transformou-se em divertimento, ou melhor, adaptou-se aos novos tempos, ao crescimento urbano. Os animais foram trazidos para a cidade onde se construiram campos ou espaços de divertimentos como foi o caso do Coliseu, em Roma. Aí, à vista de multidões, os homens travaram combates, muitas vezes de

morte, uns com os outros, ou os animais se defrontavam como acontecia com touros e cães. No dia da inauguração do Coliseu, em Roma, pereceram 5.000 animais. Até ao século V foram construídos, na parte ocidental da Europa de hoje, 70 espaços de luta, chamados arenas, com o mesmo objectivo com que foi erguido o Coliseu.

Mas a morte que o homem fomenta acaba por despertar nele o sentimento de horror. Foi o que aconteceu durante os primeiros séculos da nossa era. O espectáculo de mortes era algo de delirante. O homem desperta para a protecção aos animais e procura novos meios de diversão que não impliquem tantas mortes. As touradas e as largadas de touros são já um aspecto sublimado dos morticínios anteriores. Entretanto prossegue e desenvolve-se o jogo da bola.

(Continua no próximo número)